

LEITURA E LETRAMENTO NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA

No contexto escolar, letramento, alfabetização, leitura e escrita são conceitos inter-relacionados. A palavra **letramento**, que surgiu bem depois das demais, na década de 1980, é a mais abrangente: letramento se refere à leitura e produção textual escrita em situações sociais, isto é, trata mais dos aspectos sociais do uso da escrita do que das capacidades individuais. Da perspectiva do letramento, é possível participar de uma situação que envolve o uso da língua escrita sem ser alfabetizado, ainda que, para participar plenamente dessas situações, sabemos que é preciso ser alfabetizado.



Goran Bogicevic/Shutterstock/ID/BR

Figura 1: Crianças não alfabetizadas partilhando uma prática de letramento.

Na Figura 1, as crianças, menores de três anos, estão envolvidas num jogo de faz de conta: nenhuma delas sabe realmente ler na tela, ou navegar na internet, mas a mais experiente está ‘ensinando’ as demais. A prática social é a brincadeira e o brinquedo (culturalmente determinado) é o *tablet*, um dos suportes do letramento digital. E se um adulto se envolver, ele entrará na brincadeira, agindo como se de fato as crianças estivessem lendo, procurando informação, escrevendo uma mensagem. Nesse processo, as crianças aprendem não somente para que serve o *tablet*, mas também para que serve a escrita.

Em práticas de letramento, não são utilizados apenas os suportes de última geração, como o *tablet*. Na Figura 2, a criança que ‘escreve’ no quadro-negro só produz garatujas, o que não a impede de brincar, por exemplo, de ‘ser professora’.



Figura 2: ‘Escrevendo’ no quadro-negro.

Então, quando se fala em letramento, estamos sempre pensando no uso da língua escrita para a prática social, sendo que os objetivos e a forma como se dá a prática são determinados pela instituição. No lar, pode ser a brincadeira, sem compromisso com a correção da

prática imitada e sem envolver pessoas alfabetizadas. Na escola, a prática social é o ensino, visando à aprendizagem para a vida social. Na igreja, a prática social consiste na participação do culto, por exemplo.



Figura 3: A prática social modifica-se ao longo do tempo, conforme vão mudando os costumes, os valores e as condições sociais. Na foto do culto, vemos a maioria dos fiéis lendo, a fim de acompanhar a leitura do cura. Na Igreja católica da Idade Média, só os padres e frades sabiam ler; as imagens nos vitrais da igreja ajudavam os fiéis a entender os evangelhos.

Como as instituições são muito variadas, as práticas de letramento são também muito diversas, envolvendo pessoas que leem textos com diferentes objetivos e metas. Mas as práticas de todas as instituições apresentam alguns aspectos em comum. Uma característica comum que podemos inferir da discussão até agora é que as práticas de letramento, ou de uso da língua escrita, são culturais, sociais e históricas.

Outra característica geralmente presente nas práticas de letramento é que elas são colaborativas: aquele que sabe mais de algum assunto ajuda o outro, e o resultado final é uma combinação dos conhecimentos de todos os envolvidos. Na Figura 4, por exemplo, o irmão ou amigo mais velho lê e interpreta uma história para a criança mais nova, que participa fazendo uma pergunta, respondendo a uma pergunta ou reagindo à situação que está sendo contada – ri, arregala os olhos, chora –, o que sinaliza a emoção que sente: alegria, espanto, curiosidade, tristeza. Nesse processo, a criança mais velha aprende a recontar, resumir, interpretar, entre outras aprendizagens, e a mais nova aprende como funciona o suporte livro: as características do objeto (tem páginas, capa, sumário), qual a sua função (traz histórias, informação), como um leitor se comporta frente a esse objeto (vira as páginas, transforma os sinais na página em sons, etc.). Tudo isso faz parte da prática social específica de leitura de um livro.



Edward Lara/Shutterstock/ID/BR

Figura 4: Uma prática colaborativa de leitura; cada criança participa segundo suas capacidades e interesses.

Na escola, a prática é muitas vezes individual, sem as vantagens da aprendizagem existente na participação em um grupo que sabe mais, tornando, assim, sua realização mais difícil, como ilustra a Figura 5.



Juriah Mosim/Shutterstock/ID/BR

Figura 5: A produção de texto solitária torna mais difícil aprender um dos passos essenciais da redação, que é a leitura e releitura do texto que está sendo produzido.

É claro que a criança tem de aprender a usar a escrita de modo autônomo, mas pode-se chegar a esse resultado se o esforço individual é um dentre vários envolvidos na mesma atividade, como na Figura 6, em que as duas crianças compartilham uma tela de computador, observando, comentando, intervindo, quando necessário, na leitura do texto.



Ene/Shutterstock/ID/BR

Figura 6: Duas crianças acompanham atentamente a escrita. A produção de sentido é colaborativa; o debate e a leitura crítica apoiada nas pistas do texto podem acontecer.

A leitura pode ser produto de uma combinação de práticas colaborativas e individuais, como na roda de leitura da Figura 7, em que a pergunta é dirigida ao grupo, mas as diversas respostas individuais são todas bem-vindas e discutidas.



Monkey Business Images/Shutterstock/ID/BR

Figura 7: Exemplo de prática colaborativa de leitura na escola; em outras palavras, de uma prática de letramento escolar.

Outra característica do letramento como prática social é que ele envolve a circulação de textos em variados suportes. Na Figura 7, podemos ver ao fundo uma estante com diversos livros e revistas, de formatos variados, a uma altura acessível às crianças. Uma biblioteca de sala de aula e/ou da escola permite essa circulação de textos diversificados, de extrema importância na prática social, cada qual atendendo a sua função: a empresa que quer se comunicar com transeuntes e

motoristas de passagem imprime e entrega uma folha de papel, não um calhamaço; quem quer acessar informação com urgência, na rua, usa o *wi-fi* do celular, não uma enciclopédia; a agência de saúde que quer prevenir o público geral sobre uma doença usa o cartaz, não um livro.

Na perspectiva do letramento, todos esses textos são considerados legítimos e podem ser trabalhados na escola; é a prática social que determina sua adequação, não alguma vetusta tradição que só reconhece como adequados para a leitura os textos literários escritos por autores mortos e/ou consagrados pelo cânone, exaustivamente estudados por acadêmicos.

Na Figura 8, podemos observar uma prática de letramento escolar que toma como objeto de ensino os sinais de trânsito; ou seja, textos que são relevantes para a vida social, mas que não gozam de prestígio literário, científico ou acadêmico.



Evgeny Atamanenko/Shutterstock/ID/BR

Figura 8: Professora e alunas reproduzindo/criando textos não verbais, como diversos sinais do trânsito.

Por meio de atividades como essas, a criança vai se aproximando do texto. O texto comum na mídia hoje utiliza todo tipo de linguagem (verbal, sonora, gestual, visual, não verbal), sejam desenhos, fotos, artes gráficas; por isso ele é considerado um **texto multissemiótico**, porque faz uso de diversos elementos portadores de significado: tamanho e forma das letras, cores, imagens, gestos, palavras e música. Esse texto é também chamado **texto multimodal**, porque nele encontramos as modalidades de linguagem: verbal (oral e escrita) e não verbal. Não é apenas a linguagem verbal que contribui para a interpretação; a imagem também é uma forma de expressão e de comunicação muito poderosa. E o melhor de se trabalhar com esses textos é que a criança ainda em processo de alfabetização já pode ler o texto multimodal, e perceber que já sabe acessar a informação textual certamente vai deixá-la mais segura para expandir com autonomia seu repertório de textos.



Tiverylucky/
Shutterstock/ID/BR



Pe3k/Shutterstock/ID/BR



Filipe Frazao/
Shutterstock/ID/BR



Fernando Favoretto/ID/BR

Figura 9: Multimodalidade: cor, forma das letras, suporte contribuindo para a leitura, mesmo abstraído o contexto.

Não se pode deixar de lado, porém, que compete também à escola o ensino sistemático da língua escrita, fornecendo instrumentos e propiciando atividades para as crianças construírem as próprias estratégias de leitura. Estas, apesar de serem elaboradas socialmente, são essencialmente individuais, pois o leitor constrói por si próprio um trajeto individual, único, em busca da informação, para o estudo, lazer, registro de experiências. Ser leitor é, portanto, ter autonomia para traçar percursos de leitura baseados em estratégias flexíveis, eficazes, prazerosas.

Na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, essas estratégias podem ser demonstradas pelo professor, desde que este propicie o contato das crianças com um vasto repertório de textos, que estabeleça contextos significativos e objetivos de leitura, que complemente e faça perguntas que ajudem os alunos a fazerem predições e a inferirem sentidos no texto. Todo esse esforço tem a finalidade de desenvolver no aluno essa forma de envolvimento com a palavra escrita, antes e durante a leitura de textos veiculados por meio das mais diversas tecnologias, como ilustrado na Figura 10.

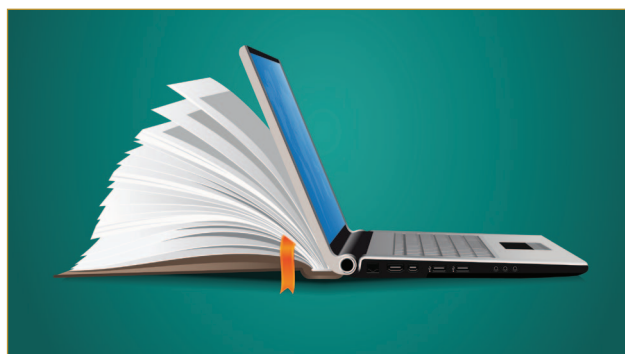


Monkey Business Images/Shutterstock/ID/BR

Figura 10: Leituras viabilizadas por duas novas tecnologias da informação, o *smartphone* e o *tablet*.

Quando o aluno tem a oportunidade de se engajar em atividades de leitura – de fato, num diálogo entre leitor e autor – que lhe permitem perceber as relações entre o que ele já sabe e os novos saberes que podem ser atingidos via leitura, ele será capaz, um dia, de formular as próprias perguntas, de fazer hipóteses, de inferir, de revisar predições, internamente, por si só.

Esse processo, de natureza metacognitiva, é essencial para o leitor em formação ir se tornando paulatinamente mais autônomo, até ele poder fazer as escolhas individualizadas que são características do letramento digital. As novas tecnologias e os novos gêneros que elas viabilizam (torpedos SMS, *e-mails*, páginas da *web*) permitem escolhas individuais e heterogêneas na busca de informação. Devido à internet, o indivíduo na frente de seu computador, no aqui e agora, pode estar também do outro lado do mundo. No entanto, para ser um cidadão global, é preciso ser leitor. E de texto multimodal.



Black Jack/Shutterstock/ID/BR

Figura 11: Por meio da tela, são inúmeros os percursos possíveis para o leitor proficiente, capaz de usar todos os meios disponíveis em sua busca de conhecimentos.

Quando um usuário do computador já de antemão não transita com confiança pela página impressa, em geral também não transitará livremente pelos espaços da tela, comprometendo o acesso digital. Quanto mais proficiente o leitor, maior será sua capacidade para fazer percursos individuais, inclusive na internet, à procura de conhecimentos. Quanto maior seu repertório de textos de diversos gêneros, quanto mais textos cujo funcionamento ele já conhece, porque já leu anteriormente em situações diversas, e quanto maior a sua familiaridade com eles (por exemplo, como funcionam as diversas linguagens – cores, diagramação, ilustração, títulos – numa capa de livro, como está montada uma *home page*, como é o *layout* da primeira página do jornal), maior será sua capacidade para continuar aprendendo ao longo de sua vida, por si só.

Hoje, sabemos que, longe de a leitura estar em via de extinção, jamais uma sociedade leu tanto, no livro e na tela, ou publicou tanto material escrito, relativamente acessível: revistas, folhetos, panfletos, gibis. No letramento digital, na tela do computador ou na página impressa, os textos ou hipertextos organizam-se de modo que a linguagem verbal, a imagem e o som têm um papel importante na significação, exigindo uma leitura na qual o leitor define quais elementos quer ler, em qual ordem, seja ele leitor proficiente ou iniciante. Certamente, a atividade será mais profícua, mais prazerosa e menos onerosa para o leitor familiarizado com o gênero em questão, que está munido de estratégias metacognitivas eficientes na compreensão do texto escrito.

Para formar esse leitor do século XXI, torna-se essencial a inclusão no currículo de todas as formas de representar significados dos diferentes sistemas semióticos – linguístico, visual, sonoro, gestual – que se combinam para contribuir à significação, próprios do texto multimodal contemporâneo. Em outras palavras, trata-se de investir no ensino de multiletramentos, central para os alunos continuarem desenvolvendo, ao longo da vida, novos letramentos em resposta às demandas de uma cultura dominada pela imagem e pela escrita.

Angela Kleiman